

Nas casas comerciais quase ninguém revela rolos fotográficos

As casas comerciais dedicadas à fotografia queixam-se que, hoje, já praticamente ninguém vai revelar rolos e, por isso, o negócio não anda nada famoso. Maria Aurora Gonçalves Gomes é a esposa do proprietário da casa "Artine", na rua dos Capelistas, em Braga. Nas mãos deste casal desde há 54 anos, a Artine já era antes um estabelecimento dedicado à fotografia, propriedade do senhor Falcão, sendo dos mais antigos na cidade.

Hoje, quem abre todos os dias a Artine é Maria Aurora Gonçalves, porque o seu marido, por tão desgostoso que está com a situação, já não aparece. «Faço-o para me distrair. A fotografia, hoje, acabou. Tiraram-nos as fotogra-



Cartaz na rua dos Capelistas onde se promete um rolo na revelação de outro

fias para o Bilhete de Identidade, que era o que fazíamos aqui. É muito grave terem feito uma coisa dessas», afirma.

No que diz respeito à re-

velação da rolos fotográficos, Maria Aurora Gonçalves Gomes garante que «passam-se meses» até alguém lá ir com essa finalidade. No passa-

do, até 2005, lembra, os emigrantes, no Verão, entregavam ali os seus rolos para revelar e recebiam depois um outro de oferta. «Agora tudo

isso acabou», diz. Questionada se há ainda quem revele, responde: «São muito poucas as pessoas. E aquelas que vêm, trazem um rolo. Dantes recebiam-se dez ou 20 rolos por dia. Hoje, onde é que eles estão? Agora é tudo através do computador. Por isso, a fotografia acabou». E, à pergunta se alguma vez pensou em aderir ao digital, Maria Aurora Gonçalves Gomes diz que não. «Já não tínhamos idade para isso», responde.

Quem trabalhou na Artine foi Luís Machado, que dali saiu para fundar a sua casa, a "Foto S. Vicente". À pergunta, se o negócio corre bem, responde peremptoriamente que não. «Com as máquinas digitais, as pessoas deixaram de vir revelar. As

pessoas tiram fotografias, vêm na máquina e não imprimem. Guardam no computador», afirma. No entanto, acrescenta, hoje começa-se a ver um crescendo de pessoas que estão a voltar aos rolos.

Na sua opinião, as pessoas podiam fazer um mínimo de fotografias. «Antigamente, tirava-se um rolo de 24 e faziam-se as 24 fotografias. Hoje tiram-se cem e podiam-se fazer 15 ou dez. As mais importantes. Está-se a perder o hábito de vir revelar, de ter a surpresa», disse.

Por outro lado, salienta ainda Luís Machado, com o desemprego, todos são fotógrafos. «Compram uma boa máquina e daí a uma semana estão a fazer casamentos», sustentou